

VERSO – REVERSO

Quando o meteorito despencou vertiginoso do firmamento, arrastou junto um terço minguante da lua cheia; que só voltou a despontar rotunda, três ciclos e meio depois. Irrompeu no espaço em arqueamento parabólico, chicoteando abalos sísmicos, descarrilhando placas tectônicas em relevos sisudos, no berço dos oceanos. Nascido aéreo para o eterno cósmico, desconhecia o mareado inclemente das águas — afogou-se. Luminescente, que antes fora, obscureceu em negrume distorcido. Tamanho impacto disseminou danos e alastrou efeitos. Disto, muito se alardeou e ninguém duvida. O quanto o fenômeno me atingiu, permanece assunto cabuloso e se conto, ninguém acredita. Há os que garantem ser fantasia, ficção de mente desocupada. Uns suspeitam de caso de histeria.

Minha sombra antes de falar já balbuciava ao meu lado, antes de escrever as primeiras linhas, desenhava rabiscos em lápis de cor, e juntas — almas gêmeas — florescíamos na infância das delícias, em estripulias e folguedos. Outrora tão íntimas, agora meu desafeto inconciliável. Minha rival regurgitando segredos em andanças públicas, por aí. Isto se deu, quando a melindrosa ouviu o estrondo espetaculoso do meteoro, saraivando em queda livre, légua e meia de nós. Assustada, perdeu o farol da sanidade. Catapultou-se em salto acrobático. Rebento rebelde, a pretexto do susto, evadiu-se — a egoísta atrevida. Parte paralela, reverso de mim, deixou-me desalmada e cambeta — claudicando na ausência do que até então, era só minha. Fosse uma adolescente intrépida, eu entenderia. A curiosidade tem livre arbítrio. Já uma senhora provida de siso, é muito destempero cutucar o desconhecido em troca de frugalidades. Pois, foi o que ela fez.

Havia sinais de desassossego, é fato; igual casamento com prazo de validade vencido. A dormência de meu desinteresse não soube antever o risco. Em qual momento da longa travessia, a gente se perdeu na constância da rotina e na repetição das horas. Naqueles descuidos, em que o desapego entorpece o afeto; daí a mente aproveita e se desgarrá atrás da fantasia. Então, o rodopio da ventania lá fora, seduz; parece lufada de ar fresco em solstício de verão. E num surto de ousadia, o hamster escapa da roda — atravessa o reboco das paredes, estilhaça a vidraça da sala, arrebenta o ferrolho do gradil enferrujado, em desatino de alforria. Volita feito bolha de sabão. Que disparate!

Sendo sombra, incorpórea que é, não deveria se expressar em afetos, nem se manifestar em desejos. Como pode meu lado invisível, meu corpo duplicado, brincar de protagonista perambulando por aí? Oca de estrutura, despida de textura. Um espantalho espelhado, fingindo ser alguém a mercê da inexistência. Cogitei tratar-se de vaidade, aquela que acometeu o anjo decaído do paraíso. No entanto, se aquele andava livre em novidade de vida, esta habitava presa no lado opaco da minha luz.

Pelo muito que sei dela, costumava repudiar o vulgar e o apequenado. Sempre teve vocação para a grandiosidade de espírito e repúdio à tragédia. No entanto, tem sido vista em rompantes chulos de exibição gratuita; outras tantas, igual mosca na luz, atrás do flash dos holofotes. Namorando escondido entre um outono e o outro também, às vezes saltando de paraquedas para impressionar a plateia. Porém, eu também sei, que desprovida da essência que lhe deu vida, nunca mais recuperou a razão. Travestida na fantasia fantasmagórica da maluquice. Desandou a me desdizer nas rodas de bar, cometer inconfidências, testemunhar contra mim no púlpito das igrejas. Caiu em descrédito. Entre tanta desfaçatez, algo muito me incomoda e consome — deu para postar sua transparência rejuvenescida nas redes sociais. Muito mais atraente do que eu; ora, coxa da perna direita desde aquele fatídico dia. Transita o tal espectro, entre picos e vales, sem tempo previsível de retorno. Mais conhecida como sombra penada — a foragida insolente.

SIMULACRO